

O futuro da natureza humana¹

Alcemira Maria Fávero*

Em 2004, a Editora Martins Fontes lançou no Brasil um pequeno livro *O futuro da natureza humana*, de Jurgen Habermas, traduzido por Karina Jannini. A obra fora publicada na Alemanha em 2001 e revelou-se como algo surpreendente porque difere de tudo o que o autor tinha escrito até a presente publicação. O livro apresenta duas palestras proferidas por Habermas num debate público que o autor travou em 1999 com Peter Skloterdijk de estar revitalizando as idéias contidas nos programas de eugenia racial do naxismo alemão.

A obra reúne dois artigos: “Moderação justificada. Existem respostas pós-metafísicas para a questão sobre a ‘vida correta?’” e “A caminho de uma eugenia liberar? A discussão em torno da autocompreensão ética da espécie”. Habermas denuncia os riscos da manipulação genética e procura trazer para a discussão justamente o problema da responsabilidade do ser humano perante o seu poder de intervenção na vida e o desafio da moderna compreensão de liberdade. Discute o tratamento que se deve dar à pesquisa e à técnica genética; reflete a respeito

do “poder ser si mesmo” e sobre a responsabilidade que cada um tem consigo mesmo e com os outros; questiona sobre o poder que um indivíduo tem na relação com o outro numa decisão que é irreversível, ou seja, a heterodeterminação pela modificação genética.

O filósofo, ao iniciar seu texto com uma questão retirada do romance de Stiller “o que o homem faz com o tempo de sua vida?” ou “o que devo fazer com o tempo de minha vida?”, parece estar justamente chamando a atenção para o fato de que as respostas às indagações éticas precisam ser diferentes das que estávamos acostumados a oferecer, pois, quando se respondia tendo em vista o religioso, o caminho indicado era o da salvação; quando se buscava a filosofia, as respostas indicavam modelos de vida éticos.

Para o autor, a filosofia não se julga mais capaz de dar respostas definitivas às perguntas que dizem respeito à vida correta porque não há como as-

* Graduada em Pedagogia e Filosofia pela Universidade de Passo Fundo e mestre em Filosofia da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mira@upf.br

segurar a totalidade da natureza ou da história. Não há como designar modos de vida exemplares para que todos sigam porque as culturas são muito diferentes. Por isso, a questão “o que devo fazer com o tempo de minha vida?” só pode ser respondida pelo sujeito que a faz, ou seja, cabe a cada um decidir sobre a conduta de sua vida. É preciso que cada pessoa se compreenda, seja responsável consigo mesma, preocupe-se com a sua vida e comece a questionar sobre qual é a melhor coisa a fazer por ela mesma e pelos outros.

Habermas considera que Kierkegaard foi o primeiro a responder à questão ética com um conceito pós-metafísico do “poder de ser si mesmo”. Tem “poder de ser si mesmo” o indivíduo que é consicente de sua existência. Como isso acontece? O indivíduo apropria-se de seu passado histórico “efetivamente encontrado e concretamente rememorado” e, examinando a própria vida, é capaz de arrepende-se de seus erros e de voltar a agir na sociedade sem o sentimento de vergonha; assim, passa a ver em si a pessoa que ele gostaria que os outros conhecessem. A avaliação crítica da história de vida permite a cada um constituir-se na pessoa que quer ser e de conduzir a sua vida segundo o próprio governo. Concentrando-se em si próprio, o indivíduo vai se libertando da dependência de um ambiente dominador, podendo recuperar sua individualidade e sua liberdade.

Para Habermas, a relação da transcendência de *ser si mesmo* está no *logos* da linguagem. As pessoas encontram-se inseridas históricas e socialmente num *mundo da vida* es-

truturado pela comunicação, e é pela linguagem que o entendimento entre os sujeitos se torna possível. As pessoas buscam entendimento de si mesmas e sobre o mundo numa relação compartilhada intersubjetivamente. “Nenhum participante individual pode controlar a estrutura ou mesmo o desenrolar dos processos de compreensão e de autocompreensão” (p. 16). Os homens entendem-se uns com os outros porque são sujeitos capacitados para linguagem e para ação. A ação comunicativa efetiva-se e tem força porque há nela pretensões e justificativas que podem ser aceitas pelos envolvidos. É nesse sentido que se pode dizer que o processo de autocompreensão ética só pode ser adquirido num esforço comum.

A moderação pós-metafísica vê-se limitada a discutir questões que tratam da ética da espécie e, “tão logo a autocompreensão ética de sujeitos capacitados para linguagem e para a ação entra totalmente em jogo, a filosofia não pode mais se furtar a tomar posição a respeito de questões de conteúdo” (p. 17). Habermas chama a atenção para o fato de que as conquistas das ciências afetam a autocompreensão das pessoas como seres que agem de forma responsável. As novas tecnologias e pesquisas científicas obrigam a sociedade a aceitar um discurso público do como se deve compreender o correto em relação à vida cultural, em outras palavras, a ciência decide o que é culturalmente uma vida boa.

Os avanços da biotecnologia, na sua empreitada de intervenção no genoma

humano, podem representar, caso não haja moderação, uma ameaça à identidade da espécie humana uma vez que a pessoa modificada geneticamente está heterodeterminada.² A intervenção na formação da identidade de alguém é unilateral e irreversível, o que, para Habermas, representa algo muito sério. Como alguém pode ser co-autor da vida alheia? Qual será a reação da futura pessoa ao se dar conta de que a sua biografia não lhe pertence, ou melhor, que não pode se considerar como autora única de sua própria história?

No posfácio da obra *O futuro da natureza humana*, Habermas, tentando responder às objeções, faz questões muito interessantes e, de certa forma, polêmicas sobre a aceitação de uma prática eugênica:³

Quais os efeitos do direito dos pais de tomar uma decisão eugênica sobre os filhos geneticamente modificados? Será que estas conseqüências eventualmente não afetam o bem-estar objetivamente protegido da futura criança (p. 106). Será que os pais que só querem o melhor para seus filhos têm, realmente, condições de prever as circunstâncias – e o efeito conjunto delas – em que, por exemplo, uma memória brilhante ou uma grande inteligência [...] serão benéficas? (p. 116).

Essas vantagens que a intervenção genética pode oferecer serão mesmo vantagens? No entendimento de Habermas, ter uma boa memória pode ser uma bênção, porém, dependendo da situação, não se pode esquecer que pode ser uma maldição. Mentres brilhantes, superdotadas, podem vir a ser, numa sociedade que supervaloriza a concorrência, mentes perversas.

A natureza orgânica, que no início da vida é resultado de contingência, passa a ser material de manipulação com intenção objetiva. Os cientistas, os geneticistas e os pais conseguirão prever objetivamente a relação que esse organismo modificado terá com o meio ambiente durante toda a sua história de vida?

A ética, em nosso século, sem dúvida, passa por um momento *sui generis* de toda sua história e precisa ser repensada à luz desse *novo tempo*, que não é o *tempo* de todos os povos. Algo muito diferente está sendo trazido para a discussão pública porque, querendo ou não, o planeta inteiro está e continuará sendo atingido. Até então, a constituição genética dos recém-nascidos escapava de toda programação e da manipulação intencional feita por terceiros. O que se coloca hoje é essa possibilidade de terceiros interferirem no processo contingente de fecundação e, com isso, de modificarem a natureza da espécie humana. Entre o que se pretende manipular está o elemento da contingência humana – contingência no sentido de que algo poderia ser, mas também poderia não ser; o que se torna indisponível com a manipulação genética é justamente a contingência.

Uma pessoa determinada geneticamente não terá a seu favor o elemento contingente porque sofreu uma influência específica que terá conseqüências no curso de sua vida. Habermas compara essa situação de intervenção que inclui a capacidade cognitiva aos treinamentos forçados, precocemente entendendo que ambos são irreversíveis. Não ter acesso ao elemento da

contingência significa não poder contar com o *poder de ser si mesmo*, uma vez que a manipulação genética poderá interferir nos fundamentos somáticos da autocompreensão espontânea e de liberdade ética da pessoa.

A pessoa modificada geneticamente talvez não se responsabilize pelas consequências indesejáveis causadas pela situação à qual foi exposta (ser produto genético) e queira pedir satisfação aos seus pais pelo fato de não poder ternas mãos sua própria história de vida. “Certamente, a pessoa em crescimento”, diz Habermas, “pode submeter sua história pessoal a uma avaliação crítica e a uma revisão retrospectiva. Nossa biografia compõe-se de uma matéria da qual podemos nos apropriar e pela qual podemos, no sentido de Kierkegaard, nos responsabilizar” (p. 19).

A leitura de *O futuro da natureza humana* nos instiga, nesse sentido, a buscar uma melhor compreensão deste nosso “tempo” para podermos agir de maneira mais consciente e responsável em relação às conquistas científicas. Não se trata, como pensa Habermas, de criticar os avanços do conhecimento científico, mas de querer saber se, efetivamente, essas conquistas afetam a nossa autocompreensão como seres responsáveis. Por isso afirma: “Os filósofos não tem mais nenhum bom motivo para abandonar esse objeto de discussão dos biólogos e dos engenheiros [...]” (p. 22). A responsabilidade requer justificação racional, sensibilidade estética, conhecimento amplo, comunicação e amor – amor que representa o cuidado com a vida e que pode ser

entendido como o sentimento de solidariedade, esta como garantia de sobrevivência das espécies. Pessoas não são coisas, objetos de pesquisa disponível à manipulação de terceiros.

A humanidade tem o dever de cuidar das vidas que ainda habitam este planeta. Seria muito interessante colocar a tecnologia a serviço da qualidade de vida, mas não com a preocupação em aperfeiçoar a vida de quem ainda não nasceu, e, sim, daqueles organismos que insistem em viver apesar de todas as agressões. A cada instante os genomas se modificam para se adaptar e vencer as doenças, a miséria, a violência. Os cientistas querem evitar doenças no futuro de uma pessoa manipulando sua herança genética, contudo parecem esquecer que algumas doenças, ou a maioria delas, provêm da falta de cuidado com a vida.

Notas

- ¹ HABERMAS, Jürgen. *O futuro da natureza humana*. Trad. de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ² A heterodeterminação não se refere à situação de aceitação ou discriminação que a futura pessoa poderá sofrer em seu grupo social porque seu patrimônio genético não foi obra da natureza e, sim, dos pais e dos cientistas. Não se trata, também, da suposição de que alguém, por ter sofrido intervenção genética para o aperfeiçoamento, venha a se sentir subjetivamente determinado por outra pessoa. Heterodeterminação refere-se a uma autodepreciação induzida que a futura pessoa sofrerá antes do nascimento, a um dano de sua autocompreensão moral (HABERMAS, 2004, p. 110-112).
- ³ Habermas denomina “eugenia liberal” ao direito dos pais de interferirem na formação genética do embrião.